

UNIVERSIDADE FEDERAL DO RIO DE JANEIRO

CENTRO DE LETRAS E ARTES / ESCOLA DE BELAS ARTES

DEPARTAMENTO DE ARTES BASE (BAB)

CURSO DE GRADUAÇÃO EM PINTURA

ANNA LIVIA TABORDA MONAHAN

116047281

Sonhos Vivos

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado ao colegiado do Curso de Pintura da Universidade Federal do Rio de Janeiro como requisito parcial para obtenção do título de Bacharel em Pintura. Orientador: Nelson Macedo.

RIO DE JANEIRO

2021

CIP - Catalogação na Publicação

TT114s Taborda Monahan, Anna Livia
Sonhos Vivos / Anna Livia Taborda Monahan. --
Rio de Janeiro, 2021.
71 f.

Orientador: Nelson Macedo.
Trabalho de conclusão de curso (graduação) -
Universidade Federal do Rio de Janeiro, Escola de
Belas Artes, Bacharel em Pintura, 2021.

1. Pintura. 2. Sonhos Vivos. 3. Anna Livia T
Monahan. I. Macedo, Nelson , orient. II. Título.

Elaborado pelo Sistema de Geração Automática da UFRJ com os dados fornecidos pelo(a) autor(a), sob a responsabilidade de Miguel Romeu Amorim Neto - CRB-7/6283.

BANCA DE TCC

Nelson Macedo

A handwritten signature in black ink, appearing to read 'Nelson Macedo' with a stylized star-like flourish at the end.

Ricardo Pereira

Júlio Sekiguchi

O estudante supracitado está ciente de que o Trabalho de Conclusão de Curso será publicado na Base Minerva/Sistema Phanteon da UFRJ e poderá ser integralmente publicado no site do Curso de Pintura da EBA – UFRJ.

Compromete-se com a possível reformulação de seu material de apresentação conforme orientações da banca no prazo de 30 dias, visando sua posterior publicação online. Compromete-se também a enviar em documento separado o resumo e no mínimo três imagens dos trabalhos realizados com ficha técnica completa para seu orientador, a fim de serem divulgados online no site do Curso de Pintura da UFRJ. O cumprimento desses requisitos é necessário para o lançamento da nota do estudante.

AGRADECIMENTOS

Agradeço aos meus pais e família por ter me incentivado com afinco a seguir o caminho do fazer artístico.

À minha irmã, Helena, por estar sempre ao meu lado, e me lembrar de quem eu sou, quando preciso.

Às minhas amigas Laura, Maria, Ayla e Paula, que dividem seu amor pela arte e pelo mundo comigo, sempre me inspirando a querer ser mais.

E aos meus professores do Atelier Oruniyá, Nelson, Ana, Alvim e Lucas, por me guiarem no aprendizado de arte, e me darem a certeza de que é isso que eu quero fazer para o resto de minha vida.

Para que uma obra de arte seja verdadeiramente imortal, tem que sair por completo dos limites do humano, pois a inteligência normal e lógica prejudicam-na. E assim se aproximará do sonho e da compreensão do espírito infantil.

Giorgio de Chirico

RESUMO

Este texto tem como propósito estabelecer um panorama do trabalho artístico da estudante Anna Livia T Monahan, e introduzir ao leitor, de forma íntima, às suas motivações e origens dentro do estudo da Pintura. São mostrados tanto os destaques de seu aprendizado ao longo de seus anos de formação no curso de Pintura da Escola de Belas Artes - UFRJ, quanto suas preferências formais e temáticas na realização de uma obra. Por fim, é mostrado o corpo de trabalho que realizou nos anos de 2020 e 2021, junto com comentários acerca do processo criativo utilizado no desenvolvimento de cada um deles.

ABSTRACT

The present document has the purpose to show a panorama of the artistic work of the student Anna Livia T Monahan, and to introduce the reader, intimately, to her motivations and origins in the study of Painting. Here it is shown not only the highlights of the students' apprenticeship in the Painting course in UFRJ, but her formal and thematic preferences in making a work of art. Finally, the paintings created in the years of 2020 and 2021 will be presented, together with comments about the creative process that lead up to each one of them.

ÍNDICE

- 1. INTRODUÇÃO**
- 2. PRIMEIRAS VIVÊNCIAS**
- 3. INSPIRAÇÃO**
 - 3.1 INSPIRAÇÃO É SE SENTIR EXAGERADAMENTE VIVO**
 - 3.2 OS ANIMAIS**
 - 3.3 A NOITE E AS HORAS DE SOL**
 - 3.4 O SUBCONSCIENTE E AS IMAGENS HIPNAGÓGICAS**
 - 3.5 O VAZIO E O MAR**
- 4. REFERÊNCIAS**
 - 4.1 PINTORES**
 - 4.2 ILUSTRAÇÕES PANCHATANTRA E ILUMINURAS**
 - 4.3 ALTO RENASCIMENTO**
 - 4.4 ILUSTRAÇÃO CIENTÍFICA**
 - 4.5 POESIA E CINEMA**
- 5. CRIAÇÃO**
 - 5.1 O FAZER ARTÍSTICO**
 - 5.2 O PROCESSO CRIATIVO**
 - 5.3 AS QUESTÕES FORMAIS BUSCADAS**
- 6. AS PINTURAS**
- 7. CONCLUSÃO**
- 8. BIBLIOGRAFIA**
- 9. FICHA TÉCNICA DE OBRAS AUTORAIS**

1. INTRODUÇÃO

O trabalho que será lido nestas páginas se trata de uma coletânea de experiências que formam a criação artística de Anna Livia T Monahan no geral, e mais especificamente do período de 2020 a 2021. Dividido em duas grandes etapas, a da inspiração e da criação, busquei resumir em diferentes tópicos os elementos que acendem o fogo da criação, e o processo do fazer artístico em si.

A obra será acompanhada quase por completo de imagens que exemplificam e expandem a compreensão do texto, pelo simples motivo de que é extremamente desafiador narrar um processo visual que acontece de forma muito mais intuitiva do que jamais pode ser descrita. Se o molde acadêmico tornasse possível a realização de um trabalho apenas com imagens e suas legendas eu certamente o faria. No entanto, resgatando o exercício de escrita, e com muita dedicação, aqui apresento uma síntese de minhas motivações e aprendizados e o que produzi a partir deles. Espero que o leitor se sinta instigado por meu processo criativo, e consiga apreciar as obras aqui dispostas.

2. PRIMEIRAS VIVÊNCIAS COM ARTE

O interesse pela arte começou junto com o interesse pela natureza e ciência. Quando criança, minha mãe, artista e ilustradora de formação, sempre incentivou muito a minha criatividade com diferentes materiais artísticos. Ela me ensinou a fazer colagem, pintura e esculturas, e assim o ato de criar se tornou uma das minhas brincadeiras favoritas. Passei minha infância em Petrópolis, em uma casa cercada de árvores, plantas e animais de todo o tipo. Durante uma época eu adotei besouros para serem de “estimação”, e coleciono até hoje sementes e cascas de insetos mortos.

Eu amava desenhar, como qualquer criança, e logo comecei a copiar animais e plantas de uma enciclopédia de zoologia. O meu interesse pela ilustração científica começou aí. Criei o desafio de prestar atenção em cada detalhe, e a cada bicho que desenhava, sentia uma conquista, e que estava guardando um segredo, por possuir o conhecimento da direção das patas dos cavalos e pássaros (o cotovelo para trás), ou por ter a percepção da bifurcação do desenho de árvores e galhos. E desenhava repetidamente estas características, mudando a dimensão, posição e estrutura do desenho, criando uma colagem de taxonomia no papel.

Me recordo de ter sido introduzida com pouca idade a imagens que depois eu viria a entender como um tanto surrealistas. Os livros ilustrados de William Steig me trouxeram na infância personagens que instigam um imaginário vívido e misterioso, com bichos e objetos inanimados cheios de personalidade; os contos da mitologia Grega, onde os deuses e elementos da natureza possuem características de homens; os filmes e livros que tem como tema o Mar e a navegação; estes são exemplos de algumas áreas formadoras do meu imaginário até hoje. Logo comecei a prestar atenção também em pinturas e outros trabalhos de arte, e o aprendizado e inspirações absorvidos ao longo dos anos começaram a entrar nos meus desenhos.

À medida que eu crescia, desenhar se tornou um refúgio para mim, e a todo lugar que eu ia, levava um caderno para começar a rabiscar. Esse refúgio se tornou também uma necessidade, uma forma de me sentir inteira, por ter aquilo, e de escapar das inseguranças crescentes que surgiam ao me tornar uma jovem adulta. E, enquanto isso, a observação do mundo também se desenvolvia cada vez mais em um processo íntimo e rico em possibilidades a serem exploradas.

Mas foi no início da faculdade que minha relação com a arte se desenvolveu mais, e ela, em especial a Pintura, se mostrou um universo para fora de mim e do meu ego, muito maior que uma simples autovalorização. Nas aulas da faculdade, e no Atelier Oruniyá, onde faço aulas desde 2016, eu fui introduzida ao universo infinito das possibilidades plásticas do desenho, e a centenas de pintores cujas obras convivem nesse universo ao longo da história da arte. Aprendi os diferentes aspectos formais do desenho, e que voltar a atenção a eles na construção plástica, dava um sentido e uma direção muito mais clara a o que eu antes buscava no “assunto”, ou seja, nos detalhes físicos dos animais. Ao mesmo tempo, meu aprendizado na poesia, e nos aspectos formais do desenvolvimento poético, me trouxeram uma luz para resgatar as cenas, climas e acontecimentos mais íntimos da minha experiência de vida, ou da observação das experiências alheias, e colocá-las no papel e tela.

3. INSPIRAÇÃO

3.1 INSPIRAÇÃO É SE SENTIR EXAGERADAMENTE VIVO

Faço o meu trabalho como consequência de dois processos. O primeiro é a motivação que certas coisas geram em mim, criando um sentido de viver intensificado, como se fossem uma explicação de o que faz o mundo “ter graça” para mim. Entrar em contato com esses elementos por meio do desenho e pintura, traz eles para perto, e possibilita uma expansão ainda maior do rico universo em que habitam.

Vou citar em alguns tópicos as coisas no mundo que mais me geram esse “sentido exagerado de viver”, como diz o pintor Ernst Kirchner.

3.2 OS ANIMAIS

Estou com meu gatinho no colo e sinto que é o momento perfeito para escrever sobre meu fascínio e amor aos animais. Vejo ele mudar de posição, buscando o máximo conforto, e mexendo delicadamente com o carinho que faço, dentro de sua lógica de gato, tão próxima do homem, mas tão particularmente felino. E para mim, ter a permissão de contemplar e estar tão perto deste ser, me traz um sentimento duo de quietude e vastidão.

É este sentimento, de imersão e tranquilidade profunda, misturado com admiração e respeito pelo mistério do outro, que chamo de amor. A tranquilidade talvez pareça imediatamente oposta ao mistério, mas sinto que o consenso dos dois cria o sentido do fazer poético em mim, e abre uma infinidade de universos em meu imaginário. Minha fonte de inspiração é comparável à de Franz Marc, que ao pintar indaga: “Haverá para o artista ideia mais misteriosa do que a representação de como a Natureza se reflete nos olhos dum animal?”.¹

Os bichos são para mim o maior exemplo, irrefutável, deste amor que sinto. Todos os detalhes de sua fisionomia me interessam, e quanto mais distante do homem e estranho o ser é, maior o meu fascínio. Dito isso, a presença de aves,

¹ (pg.94, Franz Marc em “Documentos para compreensão da pintura Moderna”, de Walter Hess)

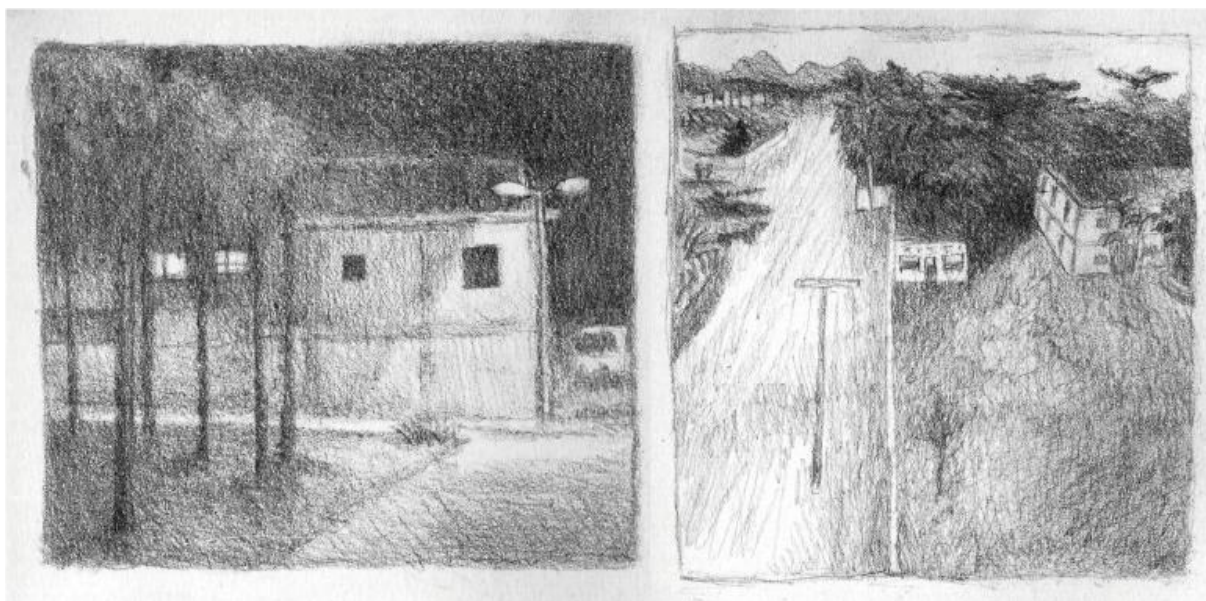
répteis, entre outros animais selvagens nas composições que crio se justifica. Em seguida estão alguns quadros feitos na trajetória da faculdade que mostram animais protagonizando os acontecimentos, respectivamente “Ave no cajueiro, 2018”, “Pássaro na praia II, 2018” e “Leão Laranja, 2019”.



3.3 A NOITE E AS HORAS DE SOL

Posso falar também de como a noite me traz esse amor, o silêncio da escuridão, e minhas experiências vividas no avesso do dia. Sou uma pessoa com pouca experiência noturna, e acho que essa pouca vivência ajuda a intensificar os momentos que passei nesse período. Momentos de festas na escola, de viagens de carro, ou apenas de observar a vida noturna, mal iluminada por um poste de luz alaranjada, me trazem o mesmo sentimento de “vastidão” que descrevi em relação aos animais.

O silêncio é um protagonista nestas vivências, e é ele que me leva a apreciar tanto o mistério do breu noturno, quanto uma tarde de sol forte em um lugar vazio, ou um pôr do sol lânguido e derretido. Em seguida vou mostrar algumas anotações pintadas por mim que demonstram estas experiências.

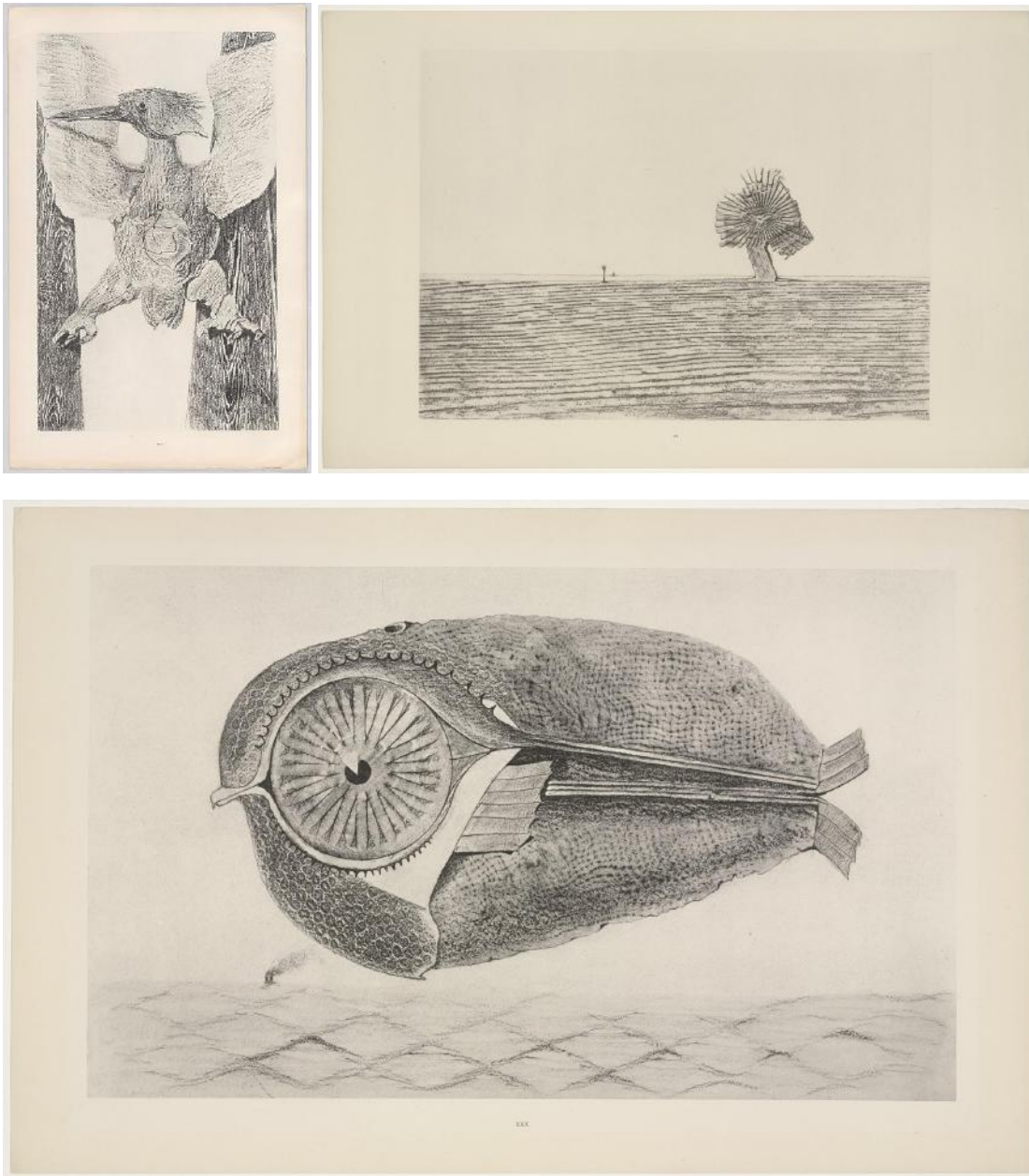




3.4 O SUBCONSCIENTE E IMAGENS HIPNAGÓGICAS

A necessidade do fazer artístico parte de momentos de imersão no mundo. Este processo acontece quando estou inspirada, motivada, como citei antes, com um “sentimento exagerado de viver”. Acontece um sentimento de inquietude, depois de ter vivido acontecimentos e cenários que instigam a minha imaginação. O momento da contemplação em si gera esse impulso de desenhar e registrar (seja o que estou vendo ou o que aquilo me leva a imaginar), mas também o momento antes de descansar, em que ocorre esse processo de “flashes” de imagens de todas as formas. Estas últimas acontecem inicialmente com base em coisas visíveis, como rachaduras no teto, ou padrões das sombras que passam pela cortina veneziana, e podem se transformar em uma visão mais aleatória (mas nem tanto, pois são uma montagem das coisas vividas, mas percebidas agora em uma lógica visual que meu consciente seja capaz de registrar). Lembro claramente que estas experiências se encontram presentes com exagero no sonho febril (as coisas mudam de dimensão e ordem, mas mantém um clima de normalidade). Para explicar melhor este processo vou citar um pintor de grande influência para meu trabalho: Max Ernst.

Imagens de “Histoire Naturelle- Max Ernst”:



A série "história natural" de Max ernst, foi, em suas palavras, "uma série de ilusões ópticas", e descreveu uma experiência do processo imaginativo com a qual me identifiquei por completo: "Visitou-me agora uma visão que impôs ao meu olhar as tábuas do soalho, sobre as quais milhares de garras deixaram seus traços.". E, em seguida, descrevendo o processo de frottage que fez com um papel sobre a madeira, constatou que "desvendaram-se então a meus olhos cabeças humanas, animais, um combate que terminava num beijo, rochas, o mar, a chuva, terremotos,

a esfinge no seu curral, pampas (...)", visões que o levaram a realizar sua série "História Natural", que partiram da madeira, mas se transformaram no processo da criação pictórica adquirindo "características próprias através duma série de sugestões e transmutações, que se impuseram espontaneamente, como visões hipnagógicas."

3.5 O VAZIO E O MAR

É possível identificar os elementos acima descritos como uma parte fundamental do meu trabalho. Entretanto vejo ficando de fora algo menos tangível presente também nas composições que crio e nas cenas que me instigam a imaginação. O silêncio que descrevi anteriormente ao falar de meu amor pelos bichos, é um estado de ser que me encontro quando me permito estar mais em contato com o mundo ao meu redor. Este estado de sensibilidade pode ser descrito como existindo uma reciprocidade entre o observador e a coisa observada, acontecimento descrito por Bachelard em "A Chama de uma Vela".

Espaços vazios são também uma grande fonte de motivação. O ermo de um campo, com apenas silhuetas no fundo, ou de um estacionamento vazio ao pôr-do-sol, gera uma carga poética que reaparece na hora de produzir desenhos e pinturas. Pode-se observar que, em trabalhos como o "Pássaro com Cocos" ou a "Mulher com cobra" existe um campo vazio de acontecimentos por trás das figuras centrais. As figuras imóveis em frente se destacam frente ao cenário "palco", e vice-versa: ao se deparar com o mundo quieto e vazio, o ser que surge gera um espanto no observador.

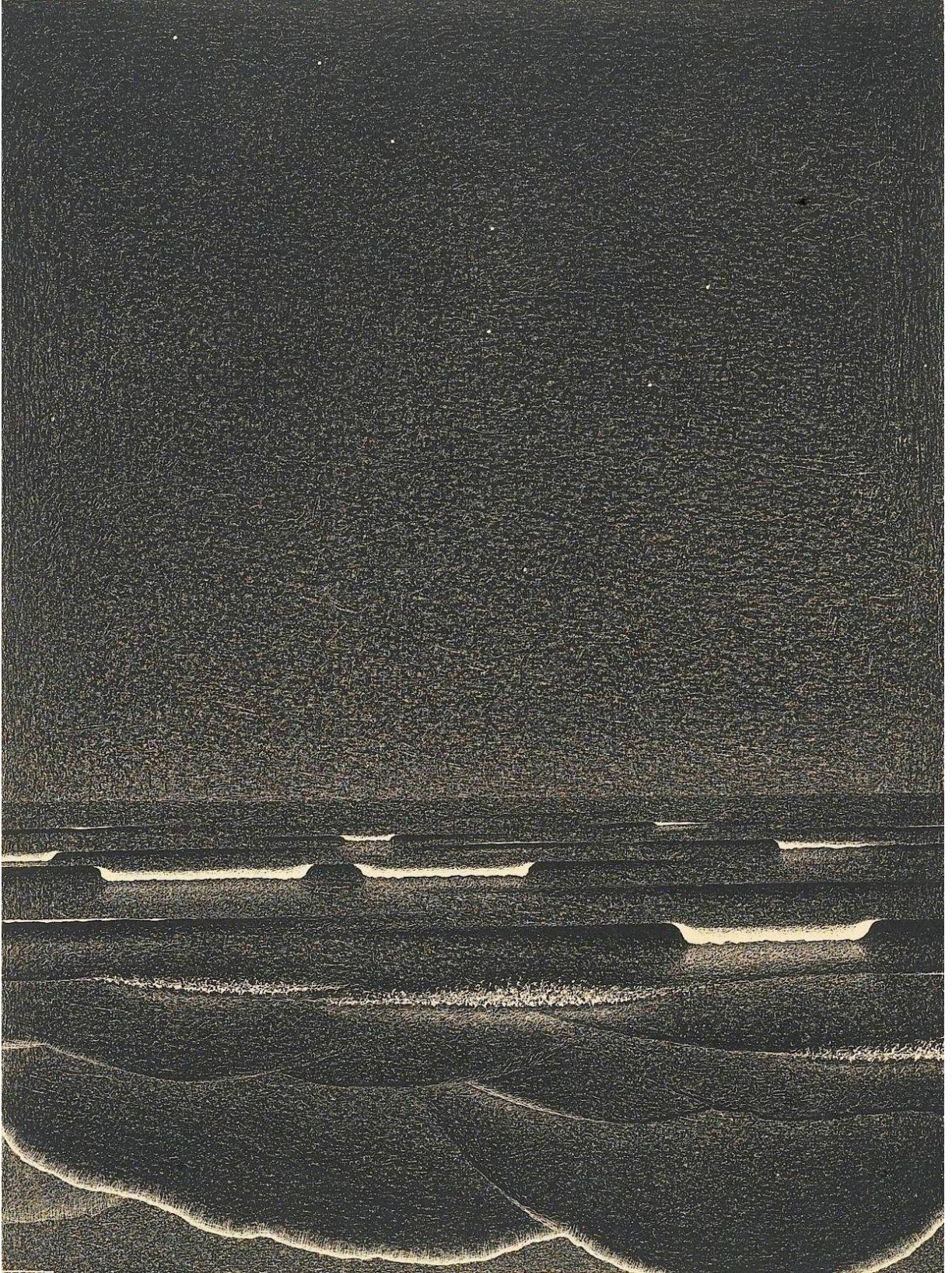
O "vazio" em algumas fotos que tirei nos últimos anos:



O vazio se dá também em outro fator motivador dos trabalhos: o Mar. A fragilidade do ser humano diante da imensidão dos oceanos; os bichos marinhos de diferentes características; as profundezas misteriosas das águas; esses são alguns exemplos que compõem a rica semântica poética do mar.

“Voluptuosamente balouçando pelos brandos eflúvios de tua lentidão majestosa, que é o mais grandioso dentre os atributos com que o soberano poder te cumulou, desenrolas, em meio a um sombrio mistério, sobre toda a tua superfície sublime, tuas ondas incomparáveis com o sentimento calmo de tua potência eterna.”
pag.40 de Os Cantos de Maldoror, Lautréamont.

Lautréamont entre muitos outros autores e artistas expressam em suas obras e trabalham em suas composições o fascínio pelo Mar. Durante a minha infância fui introduzida a histórias de navegação por meu pai que, apaixonado pelo Mar, leu livros como “A Ilha do Tesouro” e “Sobreviver no Mar Cruel” para mim de noite, e ao realizar seu sonho de atravessar o Atlântico com um barco a vela, passou sua paixão pelo mar para mim, se tornando então um tema comum em meus desenhos. O gravurista MC Escher é outro que viveu parte de sua vida em alto mar e em litorais, e expressou em cartas o seu amor pelo universo marítimo. A representação que fez do mar em sua litografia “Mar Fosforescente” me serviu de referência para o quadro “Peixe Planta”, apenas um exemplo de muitos trabalhos que faço e ainda farei abordando o tema.



4. REFERÊNCIAS

4.1. PINTORES

Acredito ser fundamental para o trabalho de pintura, a observação e estudo a partir de obras dos pintores que me antecederam na história da arte. Existem para mim alguns artistas que me motivam muito, e os guardo para mim como referências para sempre revisitar quando vou trabalhar. Muitas vezes, o porquê de eu me sentir tão cativada por uma obra é um grande mistério, mas venho tentando, ao longo desse exercício de escrita, reconhecer quais os fatores em comum nas pinturas que observo e procuro me basear em. Como meu trabalho é figurativo, me baseio principalmente em obras deste caráter, devido ao meu interesse no real e possíveis reais que podem ser criados a partir da apreensão do mundo. Vou citar alguns pintores e suas obras específicas que tenho como parâmetro de aprendizado e admiração, junto com uma tentativa de identificar o porque elas brilham tanto aos meus olhos.

MAX ERNST

Me identifico muito com Max Ernst pela temática dos seus quadros, pelo seu interesse pelas formas abstratas da natureza. O resultado onírico das imagens que ele constrói afeta intimamente meu processo criativo, por compartilharmos muitas das mesmas motivações. Pássaros, ovos e folhagens; insetos e figuras antropozoomorfas; paredes e lacunas indefinidas. Todos esses elementos conversam de forma surreal para formar os trabalhos de pintura que retorno a observar sempre que me falta inspiração.



ODILON REDON

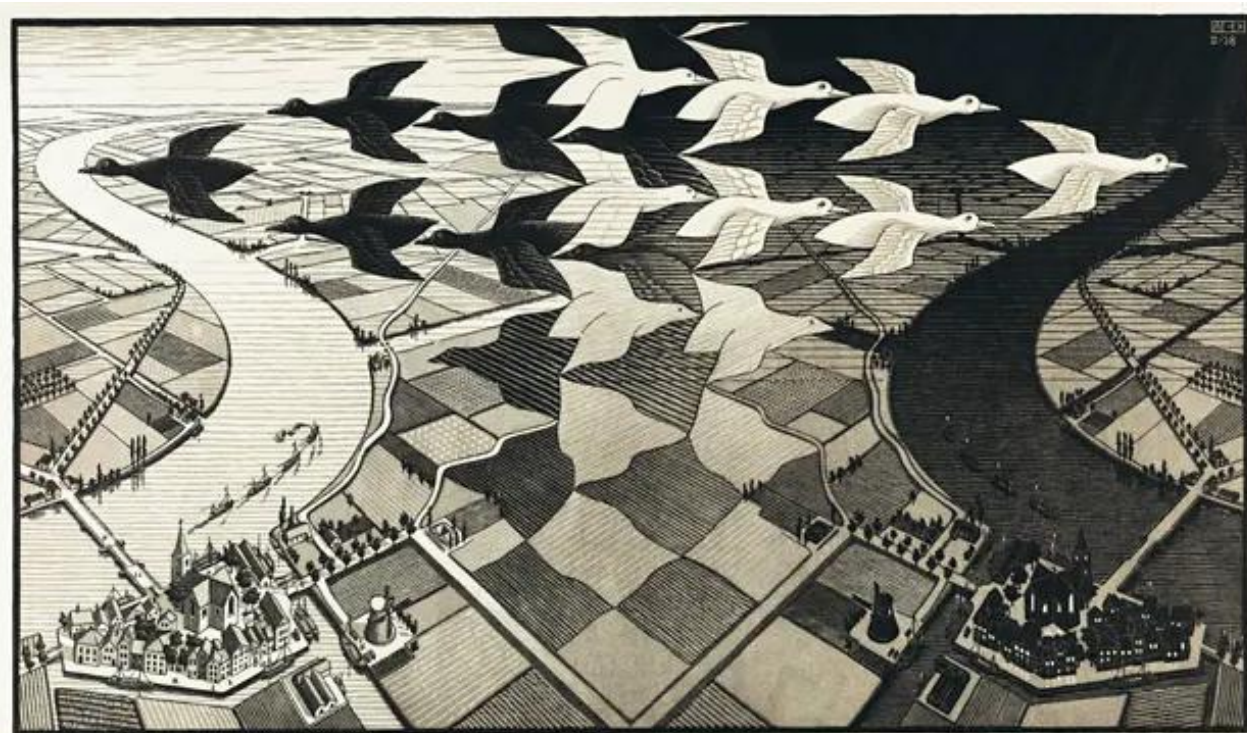
Os trabalhos de Redon são a materialização do sonho. A forma que trabalha a luz e sombra, com grandes áreas na penumbra, como no "Nascimento de Vênus" ou as cores que usa, muitas vezes bem saturadas, como no "Carruagem de Apolo", criam o mistério particular de suas obras.



MAURITS CORNELIS ESCHER

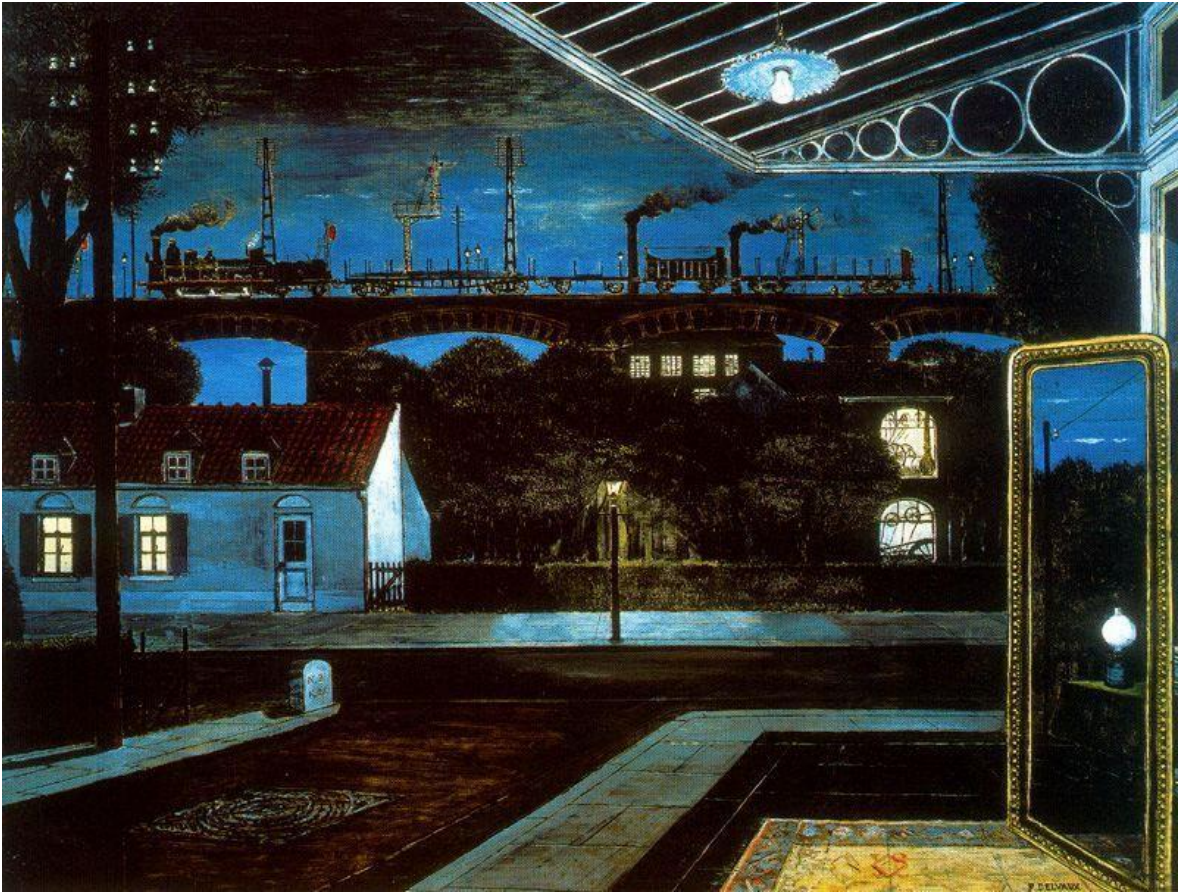
Escher foi o primeiro gravurista de quem conheci o trabalho. A exposição que teve em 2011 no CCBB do Rio de Janeiro me apresentou a ilusões de ótica e aos seus lindos desenhos de peixes e pássaros. Estes últimos se tornaram, muito por influência de Escher, os animais que mais aparecem em meus trabalhos. Conhecer a gravura, e observar trabalhos como "Dia e Noite", me ensinou sobre o uso de espaço negativo e positivo de uma obra, e foram uma aula introdutória em como trabalhar com as configurações de uma imagem. Esta e outras gravuras do artista chamaram atenção mais conscientemente para o procedimento de trazer a

representação para um plano decorativo.



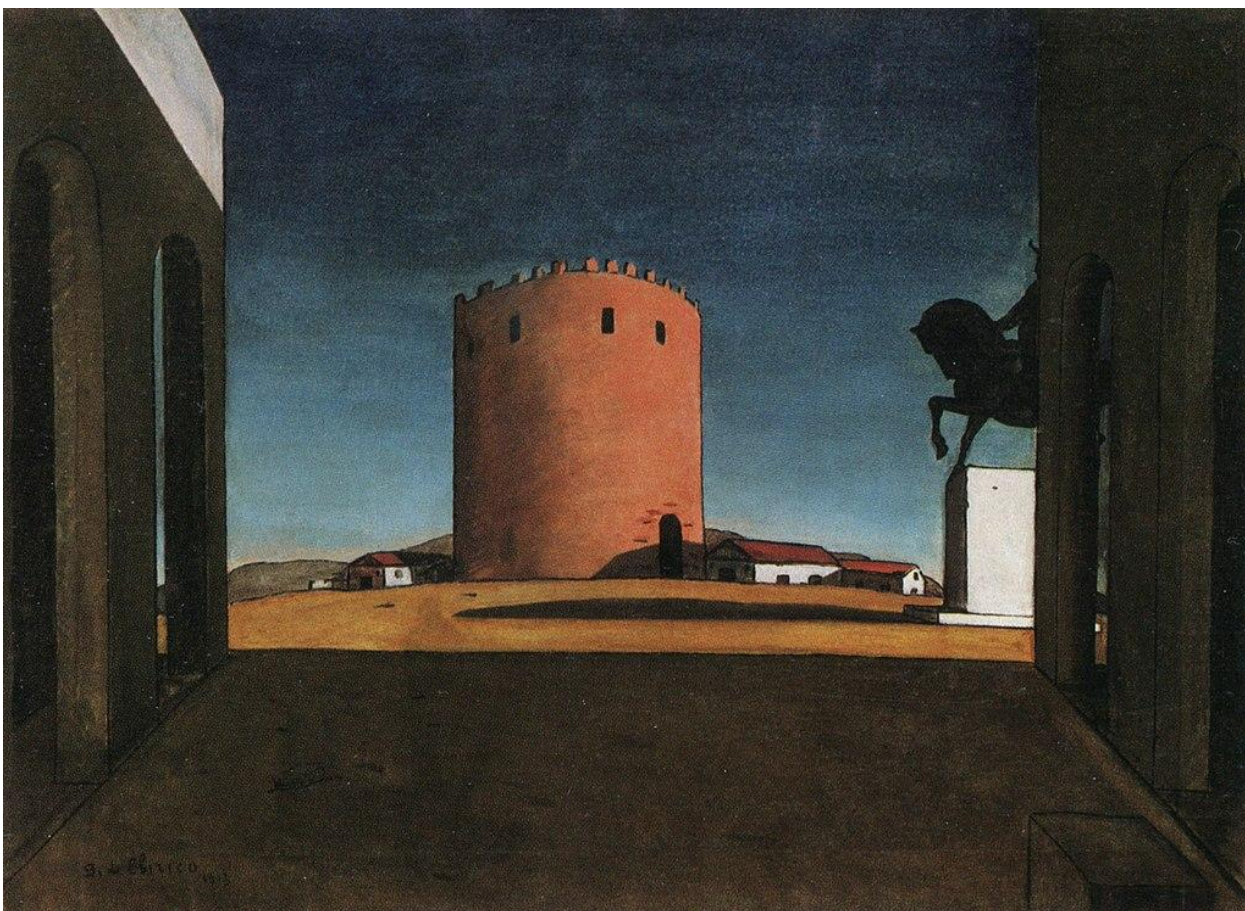
PAUL DELVAUX

Devaux cria também sonhos, mas diferentes dos de Edilon Redon. Seus trabalhos apresentam áreas mais delimitadas, e suas figuras uma volumetria mais definida, mas as cenas representadas são igualmente oníricas.



GIORGIO DE CHIRICO

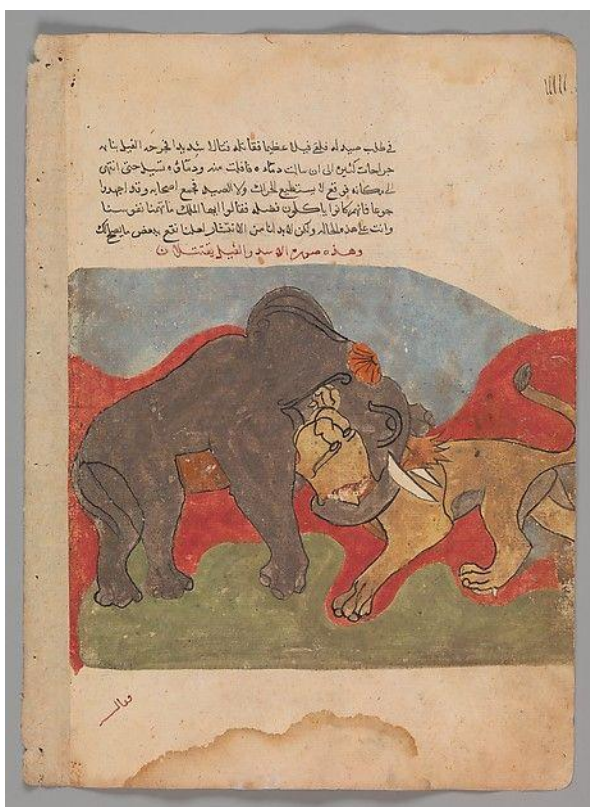
As pinturas surrealistas de De Chirico são outro exemplo de composições que trabalham com a representação do vazio. O clima de entardecer do quadro “A Torre Vermelha” traz as sombras para primeiro plano, atuando como “protagonistas” na obra. Essa divisão de área de sombra e de luz, enquadrando a cena com a sombra, traz muitas possibilidades de conversa dos elementos da forma com os elementos representados, e exemplifica a riqueza de possibilidades da pintura figurativa.

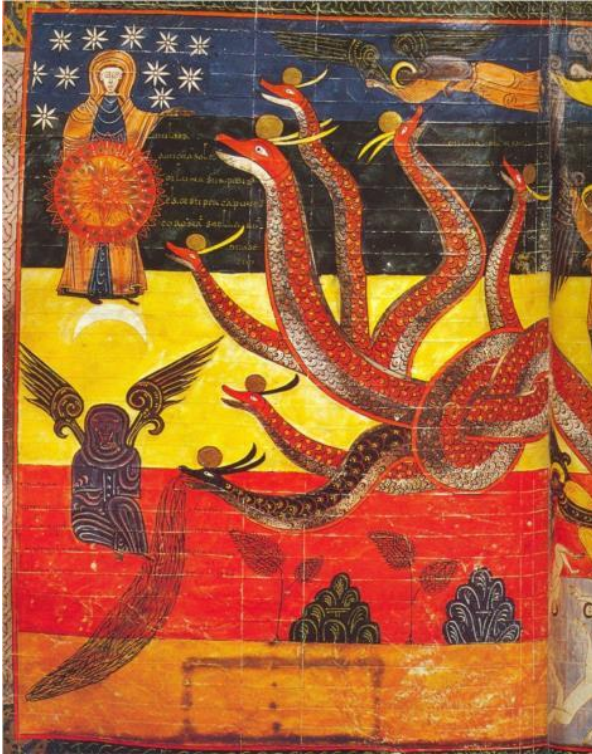


4.2 ILUSTRAÇÕES PANCHATANTRA INDIANAS E ILUMINURAS

O Panchatantra é uma coleção de fábulas Indianas sobre animais, e é acompanhado de lindas ilustrações com todo tipo de bicho interagindo em composições decorativas. Tanto as Iluminuras Medievais quanto as Moçárabes, embora de períodos distintos apresentam características ilustrativas de episódios bíblicos, e pictóricamente tem forte caráter decorativo e subdivisões geométricas de áreas de cor. Estes são exemplos de trabalhos que servem de constante referência quando procuro realizar alguma ilustração ou pintura com áreas planificadas.

A seguir respectivamente duas ilustrações Panchatantra (data desconhecida), duas Moçárabes (fim do séc. XII) e duas Medievais (cerca de 1450).





4.3 ALTO RENASCIMENTO

Pintores deste período como Paolo Uccello, Sassetta, Bellini, Hugo Van der Goes, Jan Van Eyck, Fra Angelico e Dürer, apresentavam algumas características em comum quando se trata da complexidade de suas composições, do modo que tratam as diferentes áreas com as configurações muito evidenciadas, e um detalhamento de cada momento; as cores luminosas e os decorativos que evidenciam o plano, contrastando com as luzes e sombra “realistas” das figuras. Essas referências vêm sendo cada vez mais importantes para meu aprendizado de pintura, e pretendo continuar observando os quadros desses e de muitos outros pintores da época para enriquecer meu repertório e trabalho de arte.



4.4 ILUSTRAÇÃO CIENTÍFICA

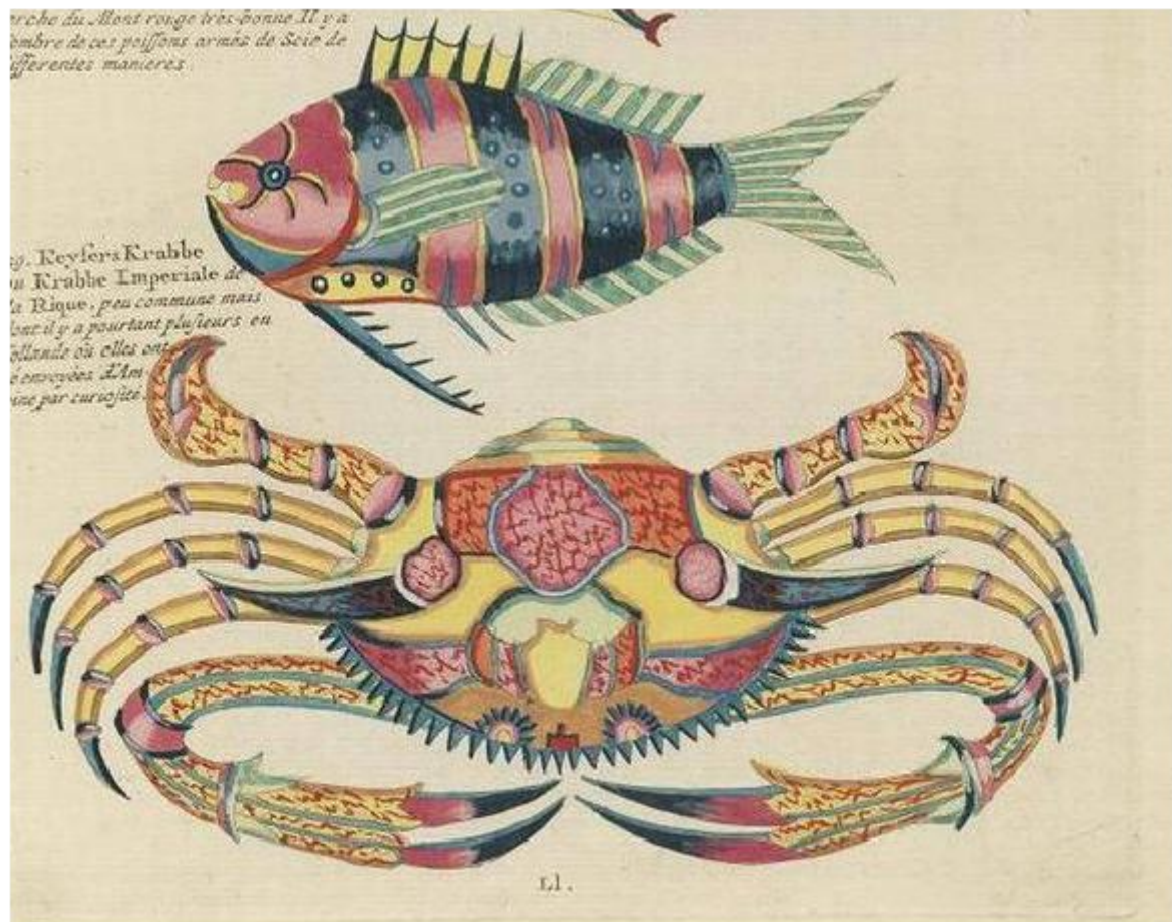
A Ilustração científica é definitivamente um pilar formador do meu trabalho. A forma com que as características da planta, por exemplo, abrem a possibilidade da representação de um elemento em vários momentos de sua vida ou posição diferente. Além disso, a representação meticulosa de elementos da natureza me encanta por si só, e faço uso destas representações, ao invés de fotografias ou observação, muitas vezes para desenhar os animais, plantas e pedras. A seguir alguns exemplos de ilustrações de diferentes estudiosos.



Corais de Ernst Haeckel



Abobrinha de Ulisse Aldovrandi



Peixe e carangueijo de Louis Renard

4.5 POESIA E CINEMA

Afora o infinito universo da Pintura, uma referência constante são algumas obras de poesia que me deparei com e que volto a ler sempre que preciso reacender a chama da inspiração artística. Destacam-se Ferreira Gullar, em especial seu “Poema Sujo”, e o livro de poesias de Lorean Linchen, “Mil Grous”. Não me atrevo a dissertar sobre o que me atrai nos autores, por medo de reduzir a uma explicação obras que existem potentes em si só, e intraduzíveis a meras palavras descritivas. Deixarei uma poesia de cada escritor que me acompanha na jornada artística.

276 FERREIRA GULLAR

PASSEIO EM LIMA

Debaixo desta árvore
sinto no rosto o calor
de suas flores vermelhas (como
se dentro de um relâmpago)
Podiam ser de trapo
essas flores, podia
ser de pano esse
clarão vegetal —
que é a mesma a matéria da flor,
da palavra
e da alegria no coração do homem.

poema de “Dentro da Noite Veloz”, de Ferreira Gullar

1.

Um monstro de mil grous, alegre e serpentino,
caminha, mas suas pernas
são grous
e seus dentes
são grous.

Um monstro de mil grous, esperto e reptil,
espirra, mas seus germes
são grous
e seus beijos
são grous.

Um monstro de mil grous, de espírito puro,
adormece, mas seus sonhos
são grous
são grous.

poema de “Mil Grous”, de Lorean Linchen

Outra forma de arte que me cativa desde a infância, e me abre os olhos para inúmeras possibilidades criativas, na forma e conteúdo, é o cinema. Para esta monografia gostaria de destacar obras que me cativam visualmente e poeticamente, e dentre os mil amores que tenho na sétima arte, os filmes do checo Jan Svankmajer, com as imagens que cria com a técnica de stop motion se destacam por seu caráter surrealista.

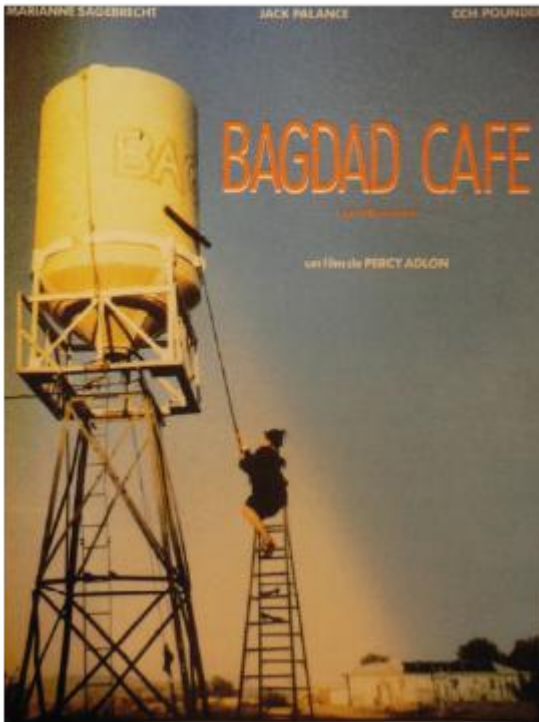
Também os filmes de Akira Kurosawa, diretor que pintava as composições de cenas de seus filmes. Além do mais recente Jim Jarmusch, cujas cenas expandem meu imaginário de climas que posso explorar em uma composição. Também se destacam individualmente filmes que me chamaram a atenção com pouca idade, como Bagdad Café e Ilha do Tesouro, por suas cenas quentes e densas.



Cena de filme "The Alchemical Wedding" de Jan Svankmajer



Desenhos de Storyboards diferentes feitos por Akira Kurosawa



Capa e cena do filme "Bagdad Cafe", de Percy Adlon



Cenas do filme "Down By Law", de Jim Jarmusch

5. CRIAÇÃO

5.1 O FAZER ARTÍSTICO

A forma que penso sobre meu processo de criação de um quadro se moldou principalmente pelo campo de conhecimento da teoria da Forma. A partir de teóricos como Wassily Kandinsky, Gaston Bachelard e Paul Klee, o professor Nelson Macedo, da EBA-UFRJ e do curso contínuo no Atelier Oruniyá, uniu as obras desses artistas e autores transformando-as no aprendizado que configura meu entendimento da construção de uma pintura. A partir das referências de arte e imaginário descritas acima, parto para o processo da criação de fato, organizando no plano e criando hierarquias entre os elementos anotados. As possibilidades das realidades que posso criar são infinitas, mas a exploração dos diferentes elementos da forma (linha, claro escuro e cor) rege um processo que apenas pode ser encarado durante a produção, impossível de ser previsto intelectualmente.

5.2 SOBRE O MEU PROCESSO CRIATIVO

Todos os quadros desenvolvidos para este trabalho partiram inicialmente de desenhos. O hábito de desenhar é algo íntimo, e ele acontece de algumas formas diferentes: existem os desenhos de observação de coisas que eu vejo; os estudos a partir de obras de arte; e as composições ou elementos soltos que eu imagino e procuro “anotar” da forma que for possível. Estes últimos são sonhos ou imagens e cenas que surgem, como descrevi acima, as “visões hipnagógicas”. Também começo desenhos com um procedimento focado em algum elemento formal de referências que vejo, como se pode notar quando desenvolvi a composição do “Sapo-bico-de-pato”, onde me baseei na disposição dos elementos e nas cores de uma pintura de iluminura medieval.

Outra forma de construir as composições que uso é observar o volume “resumido” das figuras, e partir dele para prestar atenção no resto do claro escuro em seguida. O volume é algo motivador para minha criação de quadros, e irei descrever melhor minha experiência com este elemento mais adiante.

Quando estou desenvolvendo uma composição, utilizo estudos que, ao pintar, me guiam no processo. A ordem de desenvolvimento dos estudos varia, mas costuma iniciar com desenhos a lápis, normalmente pela configuração de um elemento “protagonista” na composição, em seguida partindo para os outros elementos do quadro, a sua proporção, tamanho e organização no campo trabalhado. Um desenho parte para outro, e repito os elementos até encontrar uma composição que me satisfaça. Então, a partir desta, faço o estudo de áreas de cinza, onde o clima do futuro quadro se apresenta, e em seguida as áreas de cor, onde esse clima ganha vida. Para exemplificar este processo, abaixo estão os estudos do trabalho “Mariposa”.

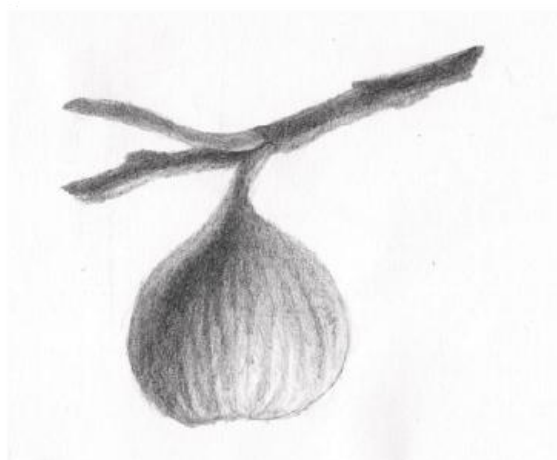


5.3 AS QUESTÕES FORMAIS BUSCADAS

REALISMO VISUAL

Com a tinta a óleo, principalmente pela sua capacidade de desenvolver melhores fusões e modulações entre os elementos de um quadro, busquei desenvolver meu trabalho no caminho do realismo visual. Explorando o claro escuro geral e as luzes e sombras dos elementos das composições, e afirmando em contrapartida elementos mais planejados, fica evidente que as obras desenvolvidas no último ano tiveram uma melhora significativa quando se trata do elemento plástico que remete ao real. A partir de exercícios de cópia de modelo vivo, e de desenhar com referências de fotografias dos elementos do meu imaginário poético,

a volumetria dos seres apresentados nas composições se tornou mais tátil. Alguns desenhos de estudos cujo processo me ensinou muito:



O efeito do realismo visual começou a me atrair mais na observação dos quadros do fim da Idade média e do início do Renascimento (como os citados anteriormente), onde o real mostrado nos quadros muitas vezes se assemelha a um mundo de boneca.

ÁREAS DE COR VIBRANTES E ENSOLARADAS

Outra característica formal que me chamou a atenção, e que tenho buscado na pintura é a de criar áreas de cor geométricas subdivididas dentro de uma composição. Dentro destas áreas vejo a possibilidade de criar pequenas cenas, que unidas a outras se tornam participantes de uma composição geral. Para estes trabalhos eu costumo usar tintas opacas, como o guache e a tinta PVA. A inspiração

para tais obras parte de trabalhos de ilustração, como cartazes e embalagens, de trabalhos de geometria abstrata, e principalmente nas iluminuras e trabalhos citados acima.

Eu sempre fui atraída às cores primárias e às cores vibrantes, além do lindo contraste que fazem as complementares juntas em uma composição. O aspecto lúdico e chamativo desses grupos cromáticos me brilha, quase que literalmente, aos olhos. A cor trás a identificação do clima do quadro, e o clima é sempre um dos principais motivadores. Há 3 climas que costumam habitar meu imaginário, como citei no tópico “3.5 O vazio e o Mar”. O sol “rachando” do meio dia, onde tudo está claro e quente. O entardecer, onde as sombras são longas e as coisas parecem derreter (o laranja que domina neste). E a noite ou madrugada, onde tudo é frio e sombrio, e o próprio silêncio se torna protagonista dos acontecimentos.

CONFIGURAÇÕES

Por fim, a configuração dos objetos representados é também um dos principais fatores motivadores do meu trabalho. Existem características abstratas em todos os elementos que podem criar rimas visuais com outros, e a união de um ou mais desenhos abre a possibilidade de explorar linearmente e poeticamente uma composição, interligando toda a superfície visual. Com o desenho, é possível criar diversas possibilidades de conversas entre os elementos, e escolher o melhor estudo antes de começar a pintura final, mas também no processo de pintar, pode-se descobrir sempre novas possibilidades de fazer essas “rimas” visuais.

Nas pequenas descrições dos trabalhos que irei mostrar a seguir, serão explicitados os momentos onde a configuração foi manipulada com mais atenção.

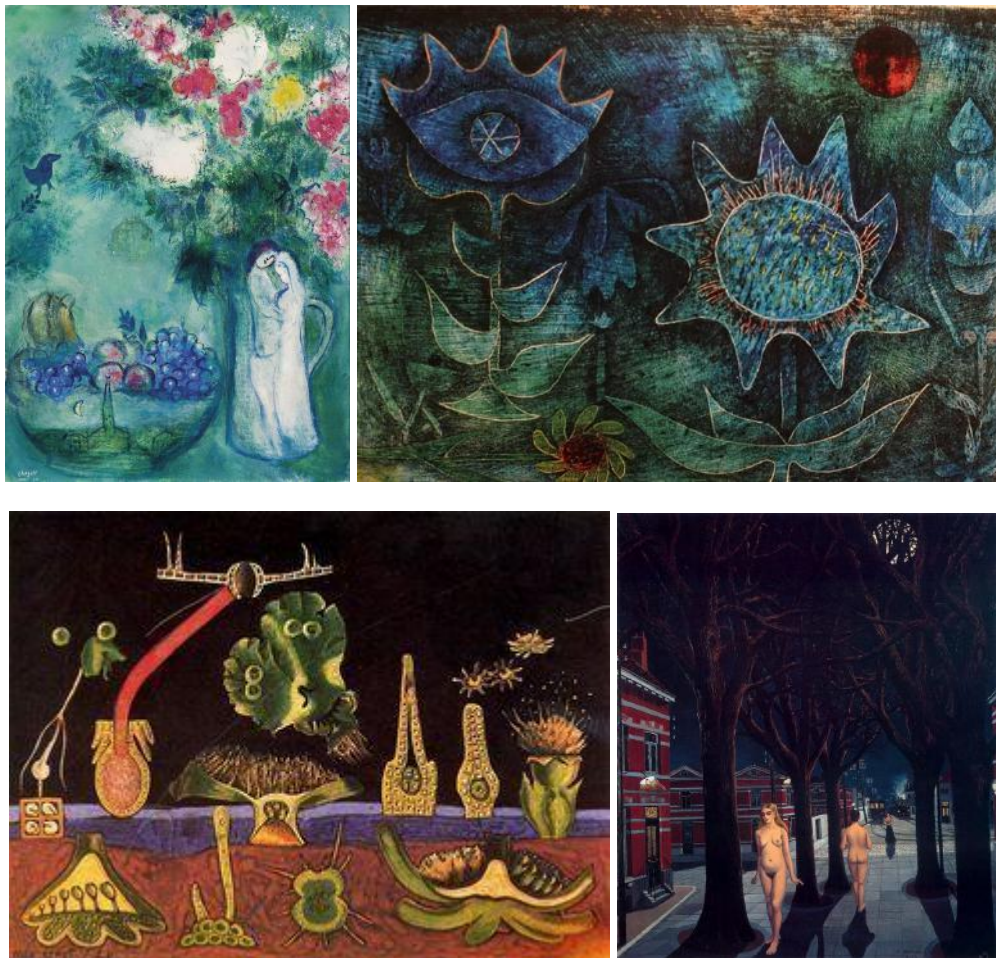
6. AS PINTURAS

Ao longo da minha formação explorei diversos temas e elementos em diferentes composições, mas com muitos elementos que as ligam. Estas são as pinturas que desenvolvi no último ano de produção e que abrem uma série de caminhos que planejo seguir com meu trabalho nas artes visuais.

MULHER COM INSETOS (OU A NOITE DE LUA)

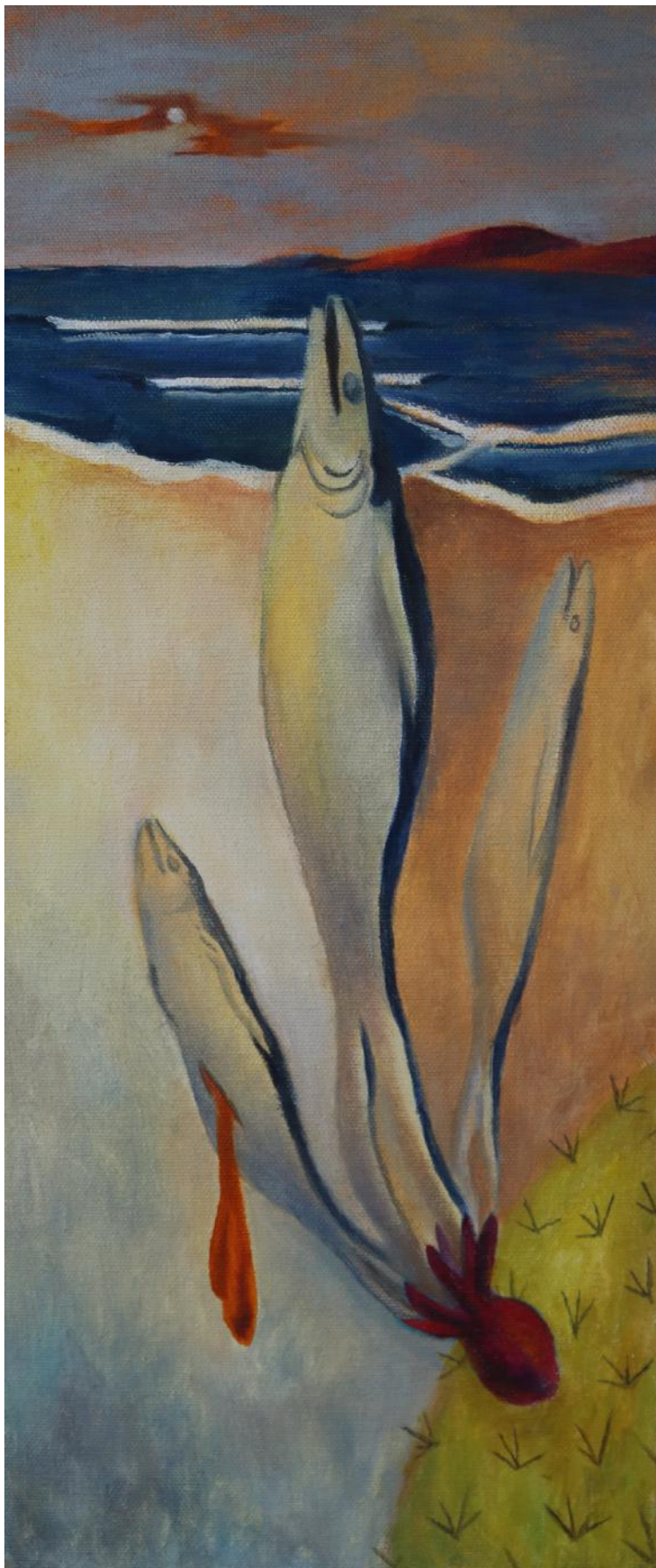


Este trabalho foi uma realização de muitas etapas de estudos. Se iniciou com um rascunho a partir do imaginário de um Jardim noturno, e virou uma colagem de seres que se encontram no Jardim, emoldurando seres humanos. Uma grande inspiração compositiva para esta composição foram os quadros de Chagall, e o universo de sonho que ele cria, se unindo aos sonâmbulos de Paul Delvaux, e às composições planas de Paul Klee. Também, como de costume, olhei os quadros de Max Ernst para me inspirar no clima noturno da floresta, e na disposição dos elementos. As referências e estudos estão a seguir.





PEIXE PLANTA



Este trabalho considero um dos melhores que fiz, pois creio que terminei ele com muito cuidado. Em relação ao conteúdo poético que ele carrega, posso afirmar que me inspirei no clima de uma praia noturna, e nas flores de Cactos, como o Mandacaru, que produz flores exuberantes, que me remetem a fruta e carne. Daí parti para a imagem dos peixes, que sempre acompanho, e em particular numa fotografia de um peixe com suas ovas alaranjadas expostas. Com isso, no processo de rascunhar, cheguei a uma composição que unisse as diferentes referências visuais, me inspirando em um clima noturno, mas também tropical e úmido.

Vale lembrar que estou aqui tentando racionalizar em cima de um processo que acontece de forma muito natural e inconsciente, ou seja, o passo a passo não se deu precisamente na ordem descrita, mas consigo me recordar desses elementos, entre muitos outros, que me levaram para o trabalho final. Dito isso, em relação ao caráter formal do quadro, criei o grafismo presente nas ondas do mar e nos espinhos do Cacto, equilibrando eles com o realismo do volume dado aos peixes e montanhas. O olhar parte da forma redonda da planta na lateral, e caminha para o fundo onde se percebe o mar solitário e misterioso noturno.



CAVALOS MARINHOS



Esta pintura partiu de um desenho um tanto diferente da composição final. É um exemplo de como fazer um estudo muito menor que a pintura pode se tornar um problema ao longo do processo. No entanto, como eu não estava satisfeita, mudei parte da composição e me contentei ao fim com o resultado. O arabesco da forma do cavalo marinho branco continua na abstração do mar infinito. Também se percebe um movimento do vertical ao horizontal, na sequência cavalo marinho branco, cavalo marinho preto e linha do horizonte.

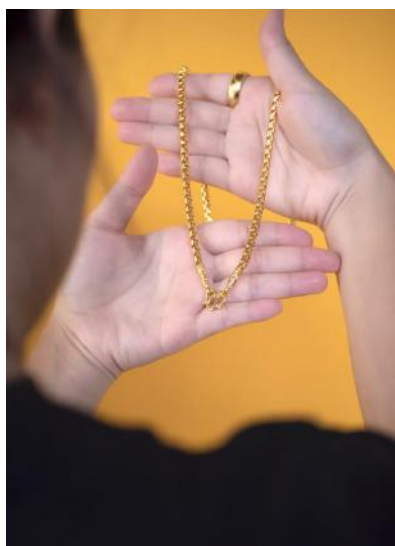


A ENCANTADORA DE JARARACA



Mais uma vez fiz um desenho que mostra uma mulher junto de um animal selvagem. Então, a partir daí, do meu primeiro desenho, desenvolvi outros, inspirada

no volume arredondado que Leger dava a suas figuras. O Esquema Cromático deste trabalho é em torno dos laranjas e verdes que, sendo quase opostos no círculo cromático, geram um contraste que eu gosto muito. A mulher está disposta no quadro segurando a cobra como se tivesse apresentando-a, tal como em um leilão se mostram os colares, e a cobra complementa o caráter de jóia com seu estampado decorativo nas costas. O bambuzal, por sua vez, surgiu com a necessidade de dar um universo particular para os personagens, o vazio exaltando o caráter de aparição da figura da mulher. A principal referência usada foi “A Menina” de Eliseu Visconti.

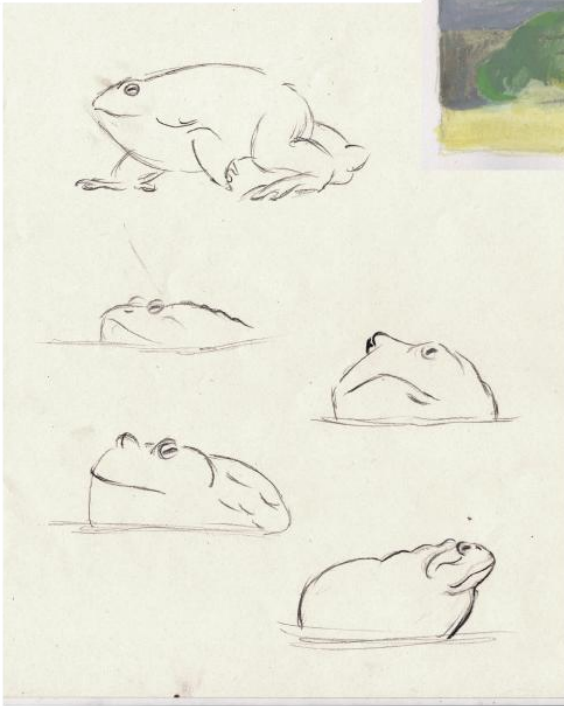




SAPINHO



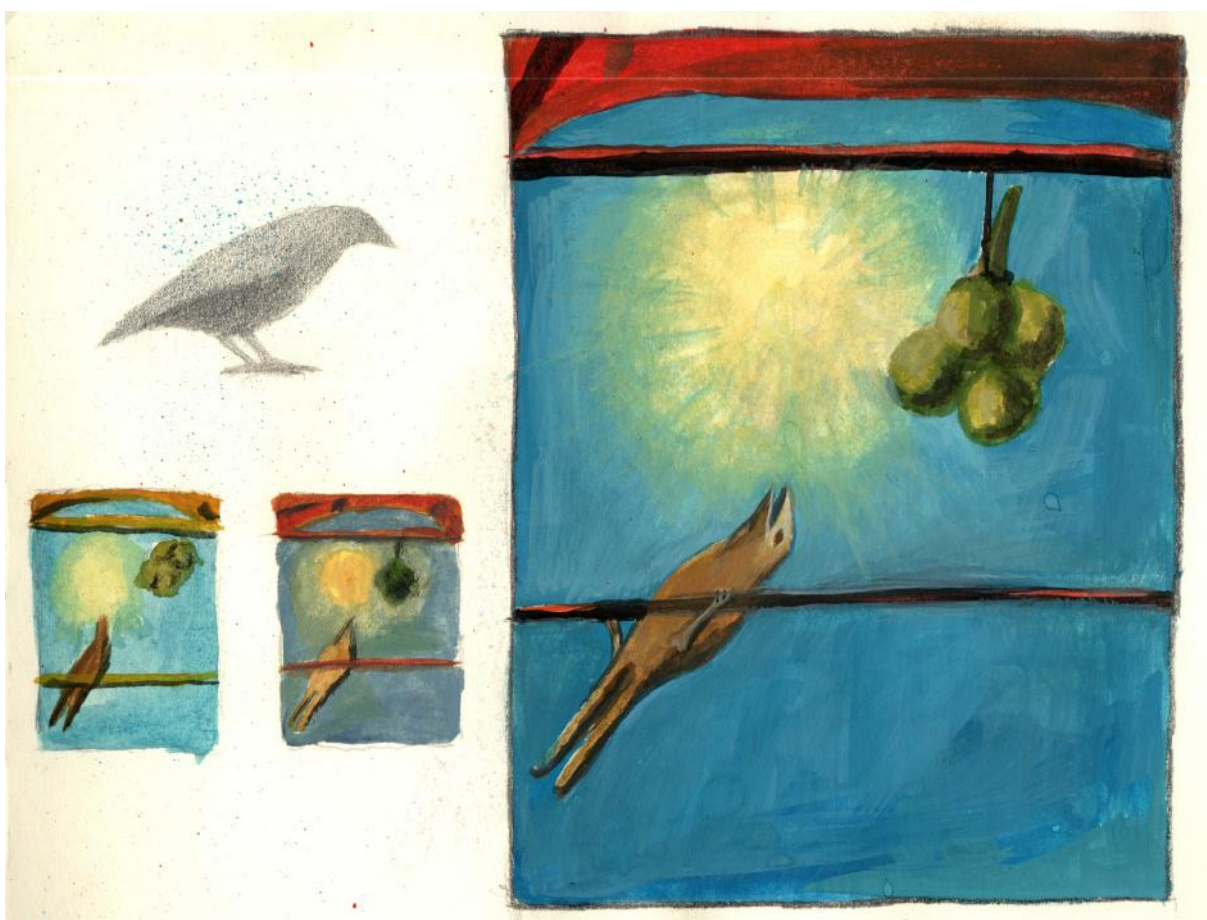
O Sapinho surgiu da mais simples motivação, que foi ver imagens de sapos e ter muita vontade de os pintar. A composição é bem simples: um sapo ao lado de uma lagoa, que mal ocupa o enquadramento, uma vez que o bicho gordinho toma tudo para si. É possível afirmar que se trata do retrato de um sapo, tema que desenvolvo frequentemente ao pintar animais. Com relação ao aspecto formal, o que vale chamar a atenção é que uso, mais uma vez do padrão decorativo que a natureza me entregou para contrastar com o volume arredondado e simples do corpo dele (a espécie com esses relevos nas costas se chama Rã-touro-gigante). O clima cromático dele é visivelmente dividido entre o quente diurno da parte iluminada e o frio da lagoa noturna.



O SOL



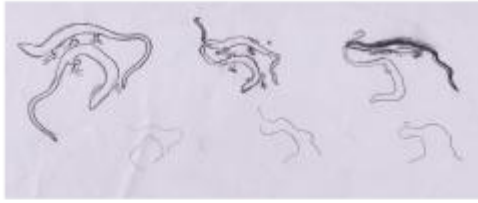
Esse quadro partiu de uma foto que tirei dos Cocos representados na composição. Ao contrário da maior parte dos meus quadros, onde a composição surge inicialmente a partir de um animal, neste caso o passarinho entrou inicialmente para criar um equilíbrio com o fruto, mas por fim acabou tomando protagonismo, disposto em primeiro plano na composição. E o terceiro elemento, o mais motivador, foi o Sol, que forte e potente, faz um triângulo com os outros personagens mostrados.



LAGARTOS COLORIDOS



Este quadro, como foi mencionado antes, partiu de uma visão que tive antes de dormir, de dois lagartos coloridos, e decidi desenhar quando dias depois encontrei uma fotografia de exatamente os dois lagartos. Fiz então uma série de estudos de configuração deles, e em seguida, estudos da composição como um todo, me baseando em samambaias do jardim, e fotos de um rio cheio de pedras. Terminados os estudos então, parti para o quadro. Um elemento que se destaca bastante são os lagartos, dispostos como se em um “palco”. O aspecto gráfico gerado pelo preto e branco de suas costas se integra ao resto do quadro por conta do grafismo também dos báculos de Samambaia.



MARIPOSA



Este pequeno quadro trata de um cenário muito comum em casas perto do mato, onde as luzes acesas de seu interior atraem todos os tipos de inseto para as janelas. A pequena mariposa está em primeiro plano, com uma disposição digna de estudo científico, pois está toda à mostra. Foram justamente os estudos científicos a minha motivação, assim como uma fotografia tirada em Petrópolis.

SAPO-BICO-DE-PATO

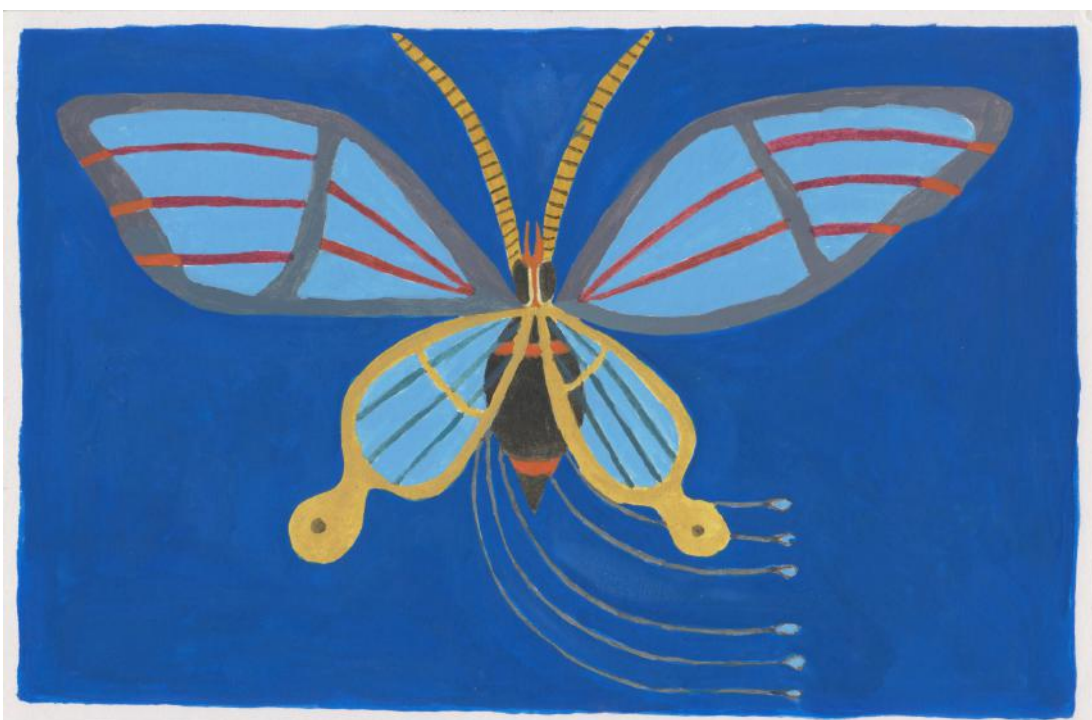


A partir desta obra partimos para os trabalhos de natureza mais gráfica, com áreas de cor sólidas e elementos decorativos que planificam mais os trabalhos e exaltam o plano.

Para este quadro foi usado como referência a composição de uma pequena iluminura medieval. Trata-se de um retrato de sapo, cercado dos atributos específicos de seu habitat natural. Em uma composição como esta, fica claro que o conhecimento que venho a adquirir da natureza dos animais, seus habitats naturais e comportamento, se torna uma questão afetiva, ativada nos desenhos e quadros.



BORBOLETAS



Cada borboleta partiu de um clima do dia: o meio dia, o entardecer, e a noite. Uma grande referência para os esquemas cromáticos e para as divisões geométricas das asas, foram os estudos de Paul Klee, além de diferentes borboletas. Detalhes como as patinhas, em diferentes configurações, e as línguas encaracoladas partiram de observação de borboletas na natureza. Estas são referências de elementos que servirão para ser usadas futuramente em uma composição.

MULHER



O desenho que levou a este partiu de algumas associações das formas dos elementos. Os olhos e os ovos; o cabelo com raízes e galhos; os cometa-brincos com olhos; as folhas com ovos; diferentes formas que remetem ao sol. O rosto da mulher foi inspirado em escultura Maya.



CACTUS



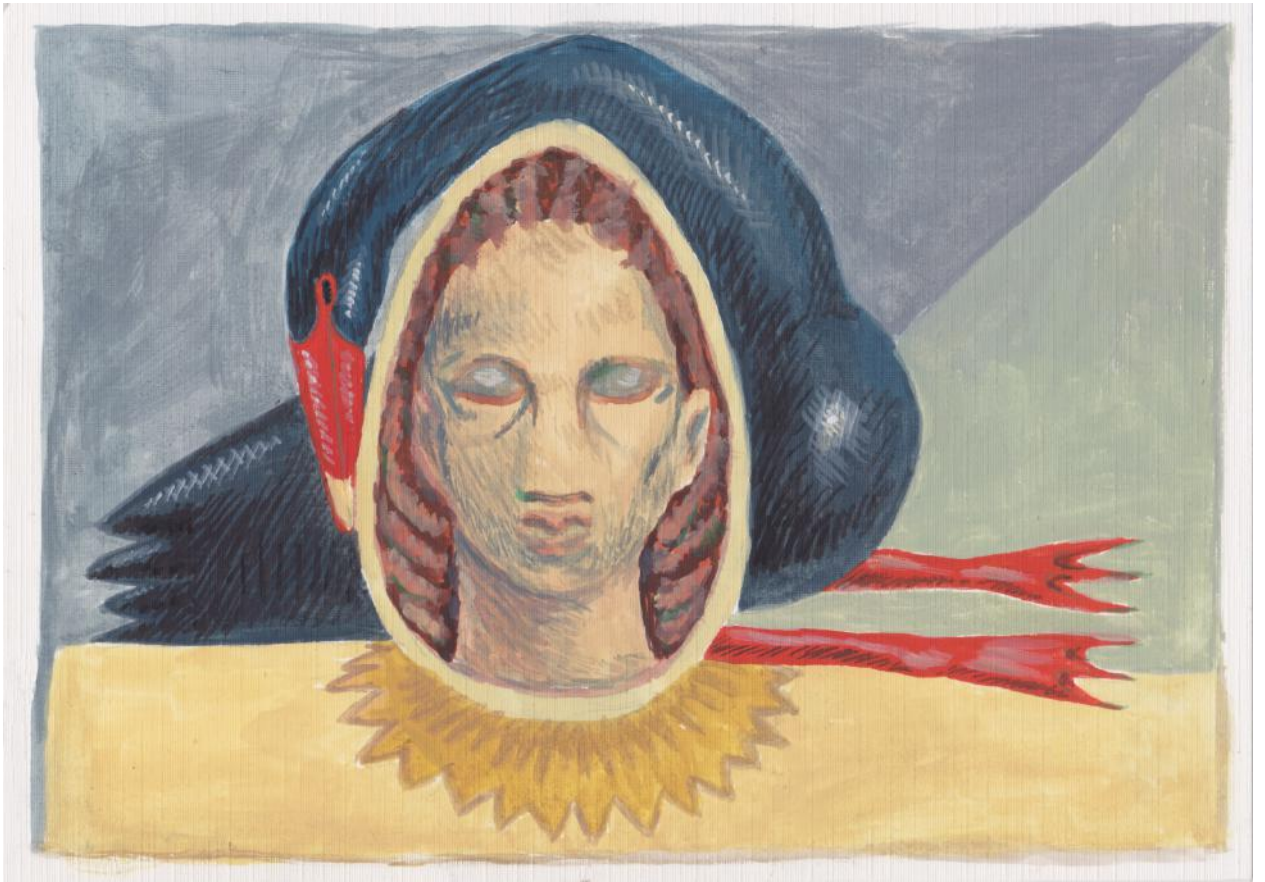
O Cactus é o sol. Novamente se trata de uma junção de referências ensolaradas. A Tangerina, ou fruto cítrico da base do cactus; as diferentes representações de Sol; os espinhos da planta com os raios de sol; e a minhoca que liga o sol à terra, com grafismo de tracinhos que remete aos raios.

SEREIA



Barbatanas, escamas e corpo humano, repetidos e sobrepostos foram as referências para essa reinterpretação de Sereia. Os padrões gráficos criados com as escamas abriram a diferentes possibilidades formais para compor a figura.

LEDA



A composição partiu inicialmente de uma subdivisão de áreas e nela surgem momentos diferentes de planificação ou volumetria, como por exemplo no corpo do cisne, que contrasta com o plano da mulher “achatada” dentro do ovo, ou as patas da ave simplificadas.

NOITE E DIA



Essa é uma composição formada a partir de uma junção de associações formais. A língua da cobra abre espaço para uma pequena cena noturna, mas o dia está colocado também, presente na flor, que abre suas pétalas em outro momento para mostrar dois rostos: um diurno e outro noturno. A forma sinuosa da cobra se repete em outros elementos, como na flor e na estrada. Fora isso, devo admitir que a escolha de elementos, embora se liguem pelos procedimentos de associação descritos, também tem seu quê aleatório, tal como acontece em um sonho.

CAÇA



Este projeto foi criado em 2021, e começou com uma escultura de barro, que foi usado como molde para 6 máscaras de papel machê. Em seguida fiz um estudo de cor digital, e com base em referências de Teatro, Circo, e a tradição dos caçadores colonizadores dos anos 1900, entre outras imagens que inspiraram o clima cromático e poético do projeto.



As máscaras foram usadas então para a criação de um universo particular para elas habitarem. Pude então aproveitar mais as referências e expandir as possibilidades que elas me davam, criando então, com ajuda de dois modelos, de pintura manual e de colagem digital, a seguinte imagem:



7. CONCLUSÃO

A etapa final do trabalho chegou, e os quadros mostrados aqui, junto com outros ainda sendo trabalhados irão entrar para a minha primeira exposição individual. A oportunidade de poder compartilhar com o público geral os trabalhos que tenho realizado com tamanha dedicação, e que são para mim um panorama tátil de meu aprendizado de Pintura, será uma experiência muito importante para concluir os primeiro passo de minha vida como artista visual: minha formação como pintora.

Durante esse período percebo um aumento significativo na consciência de elementos que tenho disponíveis para o desenvolvimento de uma obra. A minha paciência aumentou ao fazer estudos, também porque senti cada vez mais necessidade deles. No percurso tiveram obras que comecei, e não consegui concluir, por perder o interesse, ou não conseguir visualizar caminhos para prosseguir. As pinturas que apresentei aqui considero as mais "fechadas" em si que fiz até agora, e estou muito feliz com elas. No entanto, uma vez que aprendo cada vez mais artifícios formais e absorvo cada vez mais referências por meio do desenho, percebo também muitas coisas que eu faria diferente hoje no desenvolvimento de algumas das composições. Mas isso não é um problema, uma vez que vou estar sempre trazendo novos conhecimentos para as novas obras que desenvolvo. Acho inspirador até, perceber esses "problemas" em trabalhos antigos, pois me mostram que vou estar sempre aprendendo mais no infinito universo de possibilidades das artes visuais. O objetivo é este: ter sempre a atitude de exploradora visual, e sempre que me satisfazer com um trabalho, partir para outros a serem "resolvidos".

A criação hoje me dá um sentido tão grande, pois me abre os olhos a uma oportunidade de participar da vida de forma ativa e talvez até de devolver ao mundo minha motivação interior. Hoje consigo afirmar que a possibilidade de flutuar a atenção entre o devaneio que inspira a obra sendo feita, e o que de fato faz ela (a linha, o claro escuro, as cores), cria no processo de pintura uma experiência rica e imersiva. Sem a poesia e mistério, não existiria o sentido da criação, e sem o desenho a poesia não pode se dar: é assim o meu entendimento do processo criativo, e planejo desenvolver ele com cada vez mais seriedade.

8. BIBLIOGRAFIA

- **BACHELARD, Gaston. Poética do Devaneio. São Paulo: Martins Fontes, 1996**
- **HESS, Walter. Documentos para a compreensão da pintura moderna. Lisboa: Livros do Brasil, 1989**
- **PAZ, Octavio. O Arco e a Lira. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1982**
- **GULLAR, Ferreira. Toda Poesia. Rio de Janeiro: José Olympo, 2015**
- **BACHELARD, Gaston. A Chama da Vela. Rio de Janeiro: Editora Bertrand, 1989**

9. FICHA TÉCNICA DE OBRAS AUTORAIS

Mulher com Insetos, 2021

óleo sobre tela - 35 x 50 cm

Peixe Planta, 2020

óleo sobre tela - 16,5 x 40 cm

Cavalos Marinhos, 2020

óleo sobre tela - 30 x 30 cm

A Encantadora de Jararaca, 2020

óleo sobre tela - 30 x 40 cm

Sapinho, 2020

óleo sobre tela - 25,5 x 30 cm

O Sol, 2020

óleo sobre tela - 22,5 x 30 cm

Lagartos Coloridos, 2021

óleo sobre tela - 30 x 30 cm

Mariposa, 2020

óleo sobre tela - 15 x 20 cm

Sapo-bico-de-pato, 2021

tinta pva e óleo sobre tela - 25,5 x 30 cm

Borboletas, 2020

guache sobre papel

Dia - 15,5 x 22,7 cm

Tarde - 14,7 x 22,7 cm

Noite - 14,7 x 22,7 cm

Mulher, 2020

guache sobre papel - 14,7 x 21 cm

Cactus, 2020

guache sobre papel - 14,7 x 21 cm

Sereia, 2020

guache sobre papel - 15,2 x 22,7 cm

Leda, 2020

guache sobre papel - 14,7 x 21 cm

Noite e Dia, 2020

guache sobre papel - 15,5 x 22,7 cm

Caça

Máscaras - tinta pva sobre papel machê

Cartão - impressão sobre papel

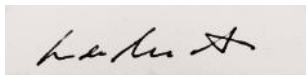
ATA DA SEÇÃO PÚBLICA DE AVALIAÇÃO DE TRABALHO DE CONCLUSÃO DE CURSO DE
GRADUAÇÃO

Às **10 horas** do dia **26/11/2021**, reuniram-se virtualmente, através da Plataforma Google Meet, a Banca Examinadora, constituída pelos/as professores/as: Prof. Dr. **Ricardo Antonio Barbosa Pereira** - EBA/UFRJ e o Prof. Dr. **Julio Ferreira Sekiguchi**, para avaliar a produção final das pinturas e do trabalho teórico intitulado: “Retratos Imaginados”, da estudante **ANNA LIVIA TABORDA MONAHAN, DRE : 116047281** Os trabalhos foram apresentados para cumprir os pré-requisitos para a conclusão do curso de Bacharel em Pintura. O Professor Orientador **Nelson de Macedo Silva** abriu a seção apresentado os membros da Banca e o candidato, que teve vinte minutos para a apresentação de seus trabalhos. Os examinadores tiveram, cada um, quinze minutos para proceder à arguição/explanação, tendo também a candidata quinze minutos para a resposta a cada um. Em seguida, a Banca se retirou para a deliberação sobre a nota do candidato. A Banca atribuiu-lhe o grau **DEZ (10)**. O resultado final foi comunicado publicamente, encerrando-se a sessão com a assinatura da presente Ata.

Avaliadores		Rubrica	Grau
1º	Prof. Me. NELSON DE MACEDO SILVA – EBA/UFRJ (Orientador)		10
2º	Prof. Dr. RICARDO ANTONIO BARBOSA PEREIRA – EBA/UFRJ		10
3º	Prof. Dr. JULIO FERREIRA SEKIGUCHI – EBA/UFRJ		10
Média Final.....			10

Obs.:

Atenciosamente:



Nelson de Macedo Silva
Prof EBA/UFRJ